

# AQUILOMBAR COM/NO COTIDIANO ESCOLAR: UM PROJETO ARTÍSTICO E CULTURAL QUE DEU SAMBA!

## AQUILOMBAR WITH/IN DAILY SCHOOL LIFE: AN ARTISTIC AND CULTURAL PROJECT THAT GAVE SAMBA!

### AQUILOMBAR CON/EN LA VIDA ESCOLAR COTIDIANA: UN PROYECTO ARTÍSTICO Y CULTURAL QUE DIO SAMBA!



Cintia de Assis Ricardo da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** O projeto “Ateliê: aquilombar com/na escola dá samba?!” oportuniza vivências artísticas e culturais com estudantes do 4º e 5º anos do ensino fundamental, inspiradas em saberes afro-brasileiros e no conceito de aquilombamento. As artesarias são oficinas, danças e rodas de conversa, valorizando a ancestralidade, o planejamento participativo e a arte como possibilidade de experiência formativa, fortalecendo vínculos e saberes forjados em coletivo numa perspectiva contracolonial.

**Palavras-chave:** Aquilombar; Cotidiano escolar; Arte e cultura afro-brasileira; Samba.

**Abstract:** The project "Atelier: Aquilombar with/in school gives samba?!" provides artistic and cultural experiences for 4th and 5th grade students, inspired by Afro-Brazilian knowledge and the concept of aquilombamento. The crafts include workshops, dances, and discussion circles, valuing ancestral heritage, participatory planning, and art as a formative experience, strengthening bonds and knowledge forged collectively from a contracolonial perspective.

**Keywords:** Aquilombar; School daily life; Afro-Brazilian art and culture; Samba.

**Resumen:** El proyecto "Taller: ¿Aquilombar con/en la escuela da samba?" ofrece experiencias artísticas y culturales para estudiantes de 4.<sup>o</sup> y 5.<sup>o</sup> grado, inspiradas en el conocimiento afrobrasileño y el concepto de aquilombamento. Las manualidades incluyen talleres, bailes y círculos de discusión, valorando el patrimonio ancestral, la planificación participativa y el arte como experiencia formativa, fortaleciendo los vínculos y el conocimiento forjado colectivamente desde una perspectiva contracolonial.

**Palabras clave:** Aquilombar; Cotidiano escolar; Arte y cultura afrobrasileña; Samba

<sup>1</sup> Graduação em Pedagogia (UERJ) e Educação Física (UCB); possui especialização em Educação Física Escolar (UFF); é Mestre em Educação pela PPGEd (UERJ/FFP); cursa o Doutorado em Educação no PPGEd (UERJ/FFP). Docente EBTT (Educação Física) no Colégio Pedro II (Campus Realengo I). cintia03assis@yahoo.com.br.

Revista Fluminense de Educação Física. Dossiê comemorativo pelos 50 anos da Educação Física na UFF: IV Simpósio – A subjetividade e a corporeidade nos tempos contemporâneos: A Educação Física 4.0, e; XVII Encontro Fluminense de Educação Física Escolar – EnFEFE: a docência e a escola como *lócus* de formação. Vol. 07, n.03, Dezembro de 2025.

## 1 INTRODUÇÃO

### Introdução

O “Ateliê: aquilombar com/na escola dá samba?!”, aprovado em edital do Programa de Iniciação Artística e Cultural (PIAC), da Coordenadoria de Cultura da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGPEC), do Colégio Pedro II, foi inspirado em experiências anteriores, especialmente no projeto “Ateliê: saberes e invenções brincantes na perspectiva dos Valores Civilizatórios Afro-brasileiros” (2024), na pesquisa de doutorado da autora e nas investigações do grupo de pesquisa Educação Física Escolar; Experiências Lúdicas e Artísticas; Corporeidades (ELAC), coordenado pela orientadora do doutorado. O novo projeto nasce do desejo de ampliar os diálogos entre arte, educação e cultura afro-brasileira, articulando saberes e práticas de estudantes e professores/as em um espaço de criação compartilhada. Assim, o “Ateliê: aquilombar com/na escola dá samba?!” constitui-se como um território de experimentação, onde o corpo, a dança, a música e outras práticas corporais oportunizam movimentos de partilha e criação coletiva no chão da escola.

Formado por estudantes do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, o Ateliê realiza oficinas, eventos, rodas de conversa, apresentações artísticas e práticas corporais, todas atravessadas pela noção/conceito de *aquilombar*, pelo samba e pelos saberes afrodiáspóricos. A proposta é compreender o aquilombamento não apenas como referência histórica, mas como prática contemporânea de união, cuidado e criação coletiva.

As atividades ocorreram em encontros semanais, totalizando dez horas, com a participação de três estudantes bolsistas e doze voluntários/as, além da professora e de familiares, que contribuem com ideias e parcerias. Em cada encontro, o diálogo que envolve a escuta ativa e as muitas vozes das crianças orientou as decisões e as invenções. No início, cada estudante apresentou seus interesses relacionados à arte e à cultura, compartilhando o que gostaria de mostrar ou pesquisar na escola. Em seguida, construímos uma nuvem de palavras que revelou a diversidade de temas: capoeira, samba, bate-bola, funk, tranças, comida, ginástica artística, jardinagem, futebol, teatro, balé, jogos e brincadeiras entre outros. Essa etapa inicial foi fundamental para

compreender o repertório cultural das crianças e as relações que estabelecem com suas vivências no cotidiano escolar e nos diversos territórios onde residem.

Durante as discussões, algumas crianças afirmaram que certos interesses “não podiam ser estudados na escola”, o que provocou uma problematização coletiva sobre os limites e as possibilidades em relação aos interesses e saberes que os/as estudantes possuem e querem compartilhar. Esse momento de tensionamento foi especialmente potente, pois abriu espaço para refletirmos sobre o papel da escola na legitimação de saberes e na valorização das culturas populares e afro-brasileiras. Três estudantes levaram suas materialidades para o grupo: camisas e vestimentas de bate-bola, fantasia de escola de samba e brinquedos de origem africana e indígena, elementos que se tornaram disparadores para atualização de saberes e conexões com as aulas de Educação Física e com o PIAC anterior.

As ações se expandiram para os intervalos, quando realizamos oficinas no recreio, envolvendo danças, desenhos, brincadeiras e pequenas apresentações. Essas atividades, abertas à comunidade escolar, fortaleceram o sentimento de pertencimento e o diálogo com estudantes de diferentes turmas. As rodas de conversa também se tornaram momentos de artesarias, em que estudantes, familiares, professores/as e servidores/as partilharam experiências, memórias e saberes sobre o samba, o carnaval, a culinária afro-brasileira e os jogos, brinquedos e brincadeiras populares.

### Análise/discussão

Os desdobramentos coletivos dessa experiência foram atravessados por problematizações e aproximações com os valores civilizatórios afro-brasileiros: corporeidade, ancestralidade, ludicidade, oralidade, musicalidade, territorialidade, cooperativismo, memória e circularidade. As práticas desenvolvidas oportunizam olhar e ver, com lentes ancoradas pelo letramento crítico, que o corpo é atravessado pela memória, pelas lutas coletivas, capazes de atualizar saberes ancestrais e gerar novas formas de convivência em constante ampliação de modos de vida. A aprovação e os encaminhamentos deste projeto potencializam o ‘sentirpensar’ a docência como movimento de problematizar e construir caminhos na direção do aquilombamento, como propõe Beatriz Nascimento (2022). Aquilombar, nesse contexto, é criar um espaço-tempo de acolhimento, de luta e de invenção coletiva, onde

os sujeitos se reconhecem em suas histórias e se fortalecem nos/dos/com os cotidianos escolares.

Diante de contextos marcados por tentativas de desencanto e precarização da escola e da vida, o projeto afirma a importância de promover experiências que mobilizem o sensível e o político. A presença da arte e da cultura afro-brasileira no espaço escolar amplia o horizonte das aprendizagens, inscrevendo a ancestralidade como fonte de conhecimento e resistência. De acordo com Antonio Bispo dos Santos (2023), o pensamento contracolonial se manifesta na experiência coletiva, na escuta e na valorização do saber que emerge das relações e dos territórios. Assim, o Ateliê opera como um lugar de formação que subverte a lógica da fragmentação, do individualismo e da competição.

#### Considerações finais

A escola, compreendida como ‘*espaçotempo*’ coletivo, oportuniza deslocamentos de olhar e de sentido, favorecendo a escuta das vozes presentes e o reconhecimento do que é essencial para a democracia e para a expansão da vida. O projeto dá materialidade a força da arte, da ancestralidade e do planejamento participativo como movimentos formativos. Os movimentos relatados impactam diretamente a práxis docente, pois exigem pesquisas e ações ancoradas em dimensões éticas, estéticas e políticas da formação. A participação ativa dos/as estudantes evidencia que o diálogo e a tessitura coletiva pode contribuir para processos de invenções pedagógicas docentes e discentes. Nos relatos orais e escritos, os/as estudantes expressaram entusiasmo ao falar do Ateliê, contando que gostam de participar, de partilhar com suas famílias e de realizar as oficinas e rodas de conversa com colegas de outras turmas. Muitos afirmaram que o mais interessante é “fazer junto”, “aprender com os outros” e “descobrir mais sobre o que gostam”.

Essas falas revelam que o Ateliê se tornou mais do que um projeto: é uma experiência viva de aquilombamento escolar, onde o samba, o brincar e o aprender caminham juntos, reafirmando a potência da educação pública como espaço de criação, resistência e esperança.

## Referências

NASCIMENTO, Maria Beatriz (1942-1995). O negro visto por ele mesmo. Alex Ratts (Org.). São Paulo: Ubu Editora, 2022.

SANTOS, Antônio Bispo dos. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama, 2023

Paulo: EPU, 1988.

